



Thomas Merckx nasceu em 1978 em Halle, Bélgica. Em criança observava as borboletas no jardim de sua casa e nos campos próximos, tendo-se encantado com a sua beleza. A ideia de fazer investigação na área das borboletas surgiu durante os memoráveis acampamentos de verão em que participava. Estes eram planeados por uma organização juvenil, interessada pela natureza e pelo ambiente, onde todos os jovens tinham redes de borboletas, guias de identificação e bicicletas que lhes permitiam deslocar-se entre locais com grande diversidade de lepidópteros. Numa dessas viagens, Thomas encontrou um estudante a realizar uma experiência de marcação-libertação-recaptura com algumas espécies de borboletas, e este episódio marcou-o de tal forma que, anos mais tarde, utilizou o mesmo método para estudar a dispersão das borboletas no seu projeto de mestrado.

Como ecologista evolutivo, o seu doutoramento na Universidade de Antuérpia, na Bélgica, centrou-se nos efeitos da fragmentação da floresta no comportamento de ocupação /dispersão da borboleta *Pararge aegeria*. Depois de 2005, trabalhou na conservação paisagística de borboletas noturnas macro na Universidade de Oxford, no Reino Unido. Neste estudo, que incluía a comparação dos resultados da armadilhagem de borboletas em terras agrícolas convencionais com as realizadas em terras agrícolas em regimes agroambientais, Thomas demonstrou que o número e a diversidade de borboletas noturnas beneficiavam da presença de árvores de sebe.

Visitou Portugal algumas vezes, especialmente para participar em festivais de dança, e foi num desses eventos, que conheceu uma rapariga portuguesa, Rita, com quem manteve uma relação durante os anos em que permaneceu em Oxford. Este relacionamento influenciou a opção de se mudar, em 2011, para a Universidade de Lisboa, onde veio a desenvolver um projeto de



Thomas Merckx

investigação sobre os efeitos do abandono de terrenos agrícolas nas borboletas noturnas macro.

Posteriormente, de 2013 a 2019, frequentou a Université Catholique de Louvain, na Bélgica, onde trabalhou em aspetos ecológicos da urbanização de populações de borboletas noturnas e diurnas, tendo publicado alguns dos resultados obtidos na revista *Nature*. A partir de 2019, Thomas continuou este trabalho na Universidade de Oulu, na Finlândia, e atualmente ocupa o cargo de professor de Biologia das Alterações Globais, na Vrije Universiteit Brussel, em Bruxelas. Nos últimos anos, Thomas Merckx tem estudado o impacto generalizado do efeito de ilha de calor urbano e poluição luminosa nos ciclos de vida das borboletas (noturnas e diurnas).

Thomas é principalmente um ecologista e os lepidópteros são o tema da sua investigação; como tal, o sucesso da sua pesquisa depende de uma identificação precisa. Foi neste contexto que ele solicitou a minha ajuda quando iniciou o seu trabalho em Portugal, uma vez que muitas das espécies aqui observadas não lhe seriam familiares, tendo em conta que, até este momento, o seu trabalho tinha incidido sobre zonas europeias mais a norte. E foi assim que tive a oportunidade de visitar Castro Laboreiro (Peneda), local escolhido por Thomas para fazer

o seu trabalho de campo, por aí haver áreas onde as atividades agrícolas tinham sido abandonadas. Para mim, esta foi uma oportunidade duplamente emocionante e compensadora, pois, por um lado, quase não havia trabalhos anteriores de investigação de borboletas noturnas nesta zona montanhosa do extremo norte de Portugal, e por outro, o seu relevo particularmente acidentado tornava-a uma área de interesse, visto aqui ocorrerem espécies que não existem em mais nenhuma parte do país.

Em Castro Laboreiro, Thomas utilizou armadilhas *Heath* em 48 sítios diferentes (até 7 por noite) entre maio de 2011 e setembro de 2012. Os locais foram predefinidos numa grelha que incluía três tipos de habitat: matos de altitude, matagais (principalmente de *Cytisus*) e florestas maduras (particularmente de *Quercus robur* e *Q. pyrenaica*).

O trabalho de campo foi particularmente intensivo, uma vez que alguns dos locais eram remotos e intransitáveis, sendo por isso necessário transportar armadilhas e baterias a uma distância considerável do acesso mais próximo do carro. Para além disso, as ruas de algumas localidades por onde circulavam eram de tal forma estreitas que os espelhos do carro tinham de ser recolhidos. A montagem das armadilhas a colocar nas charnecas ocorria no final da tarde e início da noite; na madrugada do dia seguinte, contavam-se as borboletas de cada espécie, em cada armadilha, sendo as não identificadas coletadas para posterior identificação. Após o exame às armadilhas, Thomas regressava a Castro Laboreiro para comer o “prato do dia” do Restaurante Miradouro do Castelo e, no final do dia, havia tempo para mais trabalho de identificação e para tomar um café na pastelaria local. Após nove ou dez dias de trabalho físico pesado, regressava a Lisboa para descansar antes da sessão seguinte no norte do país. Por curiosidade, refira-se que, no meio desta rotina tão preenchida, ainda houve

lugar a imprevistos inusitados. Numa das madrugadas em que observava as armadilhas, Thomas deparou-se com um lobo que ficou tão surpreso quanto ele.



Electrophaes corylata (Thunberg, 1792)



Eupithecia pyreneata Mabille, 1871



Watsonarctia deserta (Bartel, 1902)

O trabalho de campo de Thomas forneceu dados que acabaram por resultar na publicação de vários artigos (e.g. Dantas de Miranda *et al.*, 2019; Merckx *et al.*, 2019). No decurso do seu trabalho, Thomas adicionou 16 espécies à fauna portuguesa, incluindo *Electrophaes corylata*, *Eupithecia pyreneata*, *Watsonarctia deserta*, *Apamea scolopacina* e *Brachylomia viminalis*.

Já em 2022, no âmbito do estudo que está a realizar em toda a Europa sobre os efeitos da urbanização em lepidópteros, Thomas procurou por *Chiasmia clathrata* e *Coenonympha pamphilus* em Lisboa, mas, infelizmente, estas

espécies continuam a ser esquivas.

Embora a sua relação com a Rita tenha terminado, Thomas Merckx continua a gostar de visitar Portugal, por tudo de bom que este país tem a oferecer.

Presto o meu agradecimento sincero a Thomas Merckx pela sua disponibilidade em precisar informações relevantes para a redação do artigo, mas, acima de tudo, por me ter dado a oportunidade de conhecer uma zona surpreendente de Portugal, Castro Laboreiro.



Apamea scolopacina (Esper, 1788)



Brachylomia viminalis (Fabricius, 1776)

Bibliografia:

Dantas de Miranda, M., Pereira, H.M., Corley, M.F.V. & Merckx, T. (2019) Beta diversity patterns reveal positive effects of farmland abandonment on moth communities. *Scientific Reports* 9 (1549): 1-9. <https://doi.org/10.1038/s41598-018-38200-3>

Merckx, T., Dantas de Miranda, M. & Pereira, H.M. (2019) Habitat amount, not patch size and isolation, drives species richness of macro-moth communities in countryside landscapes. *Journal of Biogeography* 46: 956-967. <https://doi.org/10.1111/jbi.13544>

Imagens:

Electrophaes corylata © Teresa Farino; *Eupithecia pyreneata* © Peter Buchner; *Watsonarctia deserta* e *Apamea scolopacina* © Paolo Mazzei; *Brachylomia viminalis* © Ana Valadares.

Foto de Thomas Merckx © Ana Brotas.